



O USO DE MAMÍFEROS NAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIAS DOS NATIVOS AMERICANOS DO SÉCULO XVI

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3951

Anelisa Mota Gregoleti, UEM
Christian Fausto Moraes dos Santos, UEM

Resumo

No contexto do século XVI com os amplos movimentos sociais, da expansão de movimentos migratórios e de globalização das economias mundiais, o contato entre europeus e os habitantes do Novo Mundo significaram uma interculturalidade. A leitura das fontes, retirando de seu conteúdo as descrições a respeito dos animais nativos e introduzidos, e de seu eventual uso como elemento constituinte das estratégias de sobrevivência, tanto pelos indígenas quanto pelos colonizadores estabelece os aspectos históricos da exploração dos recursos alimentares. No intuito de entender os primeiros contatos do europeu com os padrões culturais de referências entre duas coletividades com o Novo Mundo – Brasil e Europa –, esta pesquisa examina os fenômenos socioculturais relacionados além da alimentação. Os tratamentos para cura de enfermidades muitas vezes eram feitos com partes desses animais nativos, os instrumentos de guerra utilizados pelos indígenas eram fabricados em sua maioria por ossos e peles de animais, ressaltando a importância que os animais possuem no cotidiano do século XVI. Nas descrições dos relatos dos viajantes percebem-se a característica física dos mamíferos nativos da América portuguesa do século XVI, o seu comportamento, o ambiente em que viviam, o que comiam, como se reproduziam, o que dá para aproveitar do curso, dos ossos, dos dentes e da pele desses animais, como e porque eram caçados e cobiçados e as questões gustativas de sua carne. A investigação histórica através de antigas publicações nos fornece detalhes das relações pessoais, sociais e ambientais que existiam.

Palavras Chave:

América do século XVI;
mamíferos; caça.

Introdução

A partir da empreitada portuguesa rumo às terras desconhecidas, um leque de oportunidades abriu-se no que se refere aos alimentos. Sem contarmos com a grande mudança alimentar que se deu com as especiarias do oriente, temos uma gama de relatos dos primeiros colonizadores do Novo Mundo, descrevendo com profusão de detalhes os animais que encontravam nos trópicos. Do ponto de vista dos hábitos alimentares europeus, e durante a era dos descobrimentos, a alimentação no Velho Mundo foi introduzida na alimentação europeia. Contudo, para os europeus que estavam desbravando o continente americano, à sua rotina alimentar mudou radicalmente, pelo menos nos primeiros tempos do século XVI, por exemplo, devido às diferenças ambientais, boa parte da dieta dos colonizadores passou por ajustes nos trópicos.

Para os homens daquele período, a dominação em relação aos animais era importante, pois, demonstrava racionalidade, assim como, servia de justificativa para a caça, para a domesticação, para o hábito de comer carne, para o extermínio de raças de predadores e animais nocivos, assim como qualquer outra operação feita em animal vivo com o objetivo de realizar estudo ou experimentação (THOMAS, 2010, p.55-56). A dominação sobre os animais e o conhecimento das espécies, eram fatores de extrema importância para a própria sobrevivência do homem. As questões relacionadas com o estudo da natureza estavam em foco ao longo dos séculos XV e XVI na Europa.

Os homens renascentistas e aqueles anteriores a eles possuíam uma percepção da natureza repleta de sentimentalismo e, em certa medida, antropocêntrica. Ao longo da era Moderna ocorreram diversas mudanças relacionadas à maneira como o homem observava a natureza e compreendia sua

interação com os animais, plantas e a paisagem que o rodeava. A partir do século XVI, observou-se que a relação entre o Homem e o Mundo Natural começou a se transformar. Os animais passaram a ser classificados e considerados primeiramente como fontes de alimentos, perdendo características sentimentalistas. (THOMAS, 2010)

O cenário do território conhecido atualmente como Brasil, e principalmente as suas paisagens, foram representadas, escritas e pintadas por diversos artistas, clérigos, exploradores e pessoas enviadas ao Novo Mundo. Esse conjunto de obra testemunha a variedade de tradições artísticas que combinaram com as novas paisagens visuais, como a atmosfera surpreendentemente luminosa, a imensidão da paisagem despovoada, o estranhamento provocado pela vegetação e pelos animais dos trópicos, pela visão da diversidade dos tipos humanos do Brasil. (BELLUZO, 1999).

As expansões dos impérios coloniais de Portugal e Espanha colocaram os colonizadores em contato com novos povos e com novos ambientes e, progressivamente, deixou claro que a diversidade de plantas e animais era muito maior e, de certa forma, mais complexa do que os pensadores do Velho Mundo podiam supor. Diante disso, analisar as descrições feitas pelos colonizadores do Velho Mundo pode nos auxiliar na compreensão da Filosofia Natural do século XVI. Imagine a reação de um viajante quinhentista ao se deparar com a Anta (*Tapirus spp.*) e com a paca (*Cuniculus paca*). Neste sentido, verificar o estranhamento e as tentativas de classificação dos animais encontrados no Novo Mundo, pode demonstrar esta busca para compreender o Mundo Natural dos trópicos.

Objetivos

O novo ambiente com os quais se depararam os colonizadores no século XVI, a problemática do reconhecimento,

identificação, classificação e utilização dos animais encontrados no Novo Mundo são assuntos abordados ao longo deste texto. Os mamíferos escolhidos como tema central da análise foi da espécie anta (*Tapirus spp.*) e da espécie paca (*Cuniculus paca*), onde buscamos descrever as suas características fisiológicas, o seu habitat e a sua alimentação. Esta perspectiva utiliza, conseqüentemente, uma abordagem a partir do referencial teórico da História das Ciências, tratando de questões que envolvem a exploração, por parte dos nativos e colonizadores, dos recursos proteicos advindos da caça dos animais nativos do Novo Mundo. Como a alimentação está diretamente ligada com a saúde, o meio ambiente foi à busca na qual os colonizadores tiveram que recorrer para se manterem vivos.

Os relatos de viajantes, cronistas, religiosos e colonos, no contexto das descobertas, descreveram o Novo Mundo no intuito de informar aos seus superiores (rei ou membros da Companhia) as condições de potencialidades daquelas terras. Os viajantes cronistas observaram muito sobre o conhecimento dos indígenas. Em suas descrições a respeito dos diversos animais, percebem-se as características físicas, o comportamento, o ambiente em que vivem, o que comem, como se reproduzem, o que dá para aproveitar do curso, dos ossos, da pele desses animais, as questões gustativas sobre as carnes, como eram caçados e porque, muitas vezes, eram tão cobiçados. Existem inúmeras páginas tratando das principais características e como esses animais eram identificados, sendo por nomes indígenas ou europeus. São descrições física do animal, bem como seu comportamento como o habitat, alimentação e reprodução (RIBEIRO, 2006, p.6).

A captura por presas comestíveis foi imposta por necessidades alimentares, aplicadas nas observações zoológicas. Os recursos milenares seguiram se desenvolvendo com a falcoaria através da

caça. (DELAUNARY, 1997). A caça teve incontestavelmente um papel muito importante na evolução do homem, aperfeiçoou os sentimentos que elevaram o homem acima dos restantes animais e pioneira na estratégia de raciocínio. (COSTA,1963).

A produção de suprimentos e decisões sobre os esforços dos homens e animais requer um constante estabelecimento de prioridades e decisões sobre os seus esforços, mesmo que inconsciente. Eles se concentram primeiro nos alimentos favoritos ou naqueles que apresentam a melhor relação custo/benefício. Tentam proporcionar o maior benefício no menor tempo e esforço possível, sem passar fome. Não havia naquele período, uma escolha consciente entre produzir comida ou ser caçador-coletor. (DIAMOND, 2013). O método de aprendizagem dos colonizadores consistia na observação de caça e coleta realizada pelos nativos. As abordagens indígenas, as sabedorias e as técnicas eram realizadas com extrema observação pelo olhar do europeu.

Resultados

O escritor e explorador francês André Thevet, autor de *As Singularidades da França Antártica* (1558), escreve que os americanos não criavam animais domésticos, sendo presentes nas florestas. A caça da espécie anta (*Tapirus spp.*) era feita por buracos bem fundos cobertos com folhagens no lugar onde habitualmente esses animais passavam, onde eram capturados vivos e em seguida mortos a flechadas:

Lembro-me de ter dito anteriormente que os americanos não criam animais domésticos, mas que nas florestas há uma grande diversidade de animais selvagens de boas carnes, como veados e corças, javalis, etc. Como os animais têm de sair sozinhos em busca de alimentos, os indígenas cavam um buraco bem fundo no lugar por

onde eles habitualmente passam, cobrindo-os depois com folhagens. Isto é feito com tal austeridade e habilidade, que os animais dificilmente logram escapar, sendo então capturados vivos, podendo ou não ser depois mortos a flechadas dentro da própria armadilha (THEVET, 1978, p.161).

O missionário calvinista europeu Jean de Léry, autor de *Viagem à terra do Brasil* (1578), na descrição dos animais selvagens, relata que a espécie anta (*Tapirus spp.*) era morta por flechadas ou armadilhas: “Os selvagens o matam a flechadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas.” (LÉRY, 1961, p.11-12).

O escritor e explorador francês André Thevet, autor de *As singularidades da França Antártica* (1558), acerca da Anta (*Tapirus spp.*), descreve o pequeno tamanho da cauda, o pé fendido e os dentes afiados e agudos, acreditando não ser um animal perigoso, já que quando perseguido fugia. André Thevet acreditava que a espécie anta (*Tapirus spp.*) tinha tanto de asno como de vaca, e se utilizou da comparação com os animais conhecidos pelos europeus para descrever a cabeça parecida com a do garrote, a cor avermelhada que possuíam as vacas e a velocidade na qual o veado alcançava:

A tapiira é do tamanho de um asno adulto, mas seu pescoço é mais grosso. A cabeça é assim como a de um garrote de um ano. Os dentes são afiados e agudos. Todavia, não é um animal perigoso; quando perseguido, sua única defesa é fugir em busca de um lugar para se esconder, correndo mais rapidamente que um veado. Sua cauda minúscula tem apenas três ou quatro dedos de comprimento e é pelada como a da cutia (na América são comuníssimos os animais desprovidos de rabo). Seu pé é fendido, com um casco mais saliente para frente e outro para trás. O pêlo é avermelhado, como o de algumas mulas e vacas da nossa

terra, razão pela qual os cristãos que aí vivem chamam-na de vaca, já que quase não há diferença entre os dois animais, exceto no que se refere aos chifres, que a tapiira não possui. Para dizer a verdade, este animal tem tanto de vaca quanto de asno, pois é coisa bem rara ver-se um bicho em tudo semelhante a outro de espécie diversa, sem que ambos apresentem entre si marcantes diferenças. É o caso, por exemplo, de um peixe de água salgada que vimos nas costas da América e que se destacava entre os outros por sua cabeça semelhante à de um bezerro e seu esquisitíssimo corpo. (THEVET, 1978, p.162-163)

O senhor de engenho português Gabriel Soares de Souza, autor do *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), descreve a espécie anta (*Tapirus spp.*) com cabelo assentado, beijo de cima mais comprido que o de baixo, se alimentavam de frutas e ervas e só pariam um filhote por gestação. Considerou essa espécie como sendo a maior alimária do Novo Mundo, quando comparado com os animais europeus já conhecidos, como, por exemplo, o tamanho e focinho de uma mula; possuía unhas fendidas como a da vaca; cabelo das ancas:

E começemos das antas, a que os índios chamam tapiçu, por ser a maior alimária que esta terra cria; as quais são pardas, com o cabelo assentado, do tamanho de uma mula mas mais baixas das pernas; e têm as unhas fendidas como vaca, e o rabo muito curto, sem mais cabelo que nas ancas; e têm o focinho como mula, e o beijo de cima mais comprido que o de baixo, em que têm muita força. Não correm muito, e são pesadas para saltar; defendem-se estas alimárias no mato, com as mãos, das outras alimárias, com o que fazem dano aonde chegam; comem frutas silvestres e ervas; e parem uma só criança; e enquanto são pequenas são raiadas de preto e amarelo tostado ao comprido do corpo, e

são muito formosas; mas, depois de grandes, tornam-se pardas; e enquanto os filhos não andam, estão os machos por eles e enquanto a fêmea vai buscar de comer. (SOUZA, 1971, p.243-244).

O padre jesuíta espanhol José de Anchieta, autor das *Cartas Jesuíticas* (1560), descreve que o barulho típico emitido pela espécie anta (*Tapirus spp.*) era de assobios ao invés de gritos, passavam o período da noite acordada e do dia descansando, e que quando se sentiam ameaçadas, corriam para debaixo d'água, por isso, seu habitat costumava ser perto dos rios:

Levanta-se-lhe, pelo pescoço, em vez de crinas, um músculo desde as cruces até a cabeça, com a qual, como é um tanto mais alto, arma toda a frente e abre caminho por espessos bosques, separando os ramos daqui e dali. Tem a cauda muito curta, desprovida de crinas; dá um grande assobio em vez de grito; de dia dorme e descansa, de noite, corre de um lado para outro; nutre-se de diversos frutos, e, quando não os ha, come as cascas das árvores. Quando perseguida dos cães, faz-lhes frente a dentadas e coices, ou lança-se ao rio e fica por muito tempo debaixo d'água; por isso vive quase sempre perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma cavar a terra e comer barro. (ANCHIETA, 1988, p.129).

O senhor de engenho português Gabriel Soares de Souza, autor do *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), descreveu a respeito do animal Paca e as suas características físicas, reprodutivas e alimentares:

Criam-se nestes matos uns animais, a que os índios chamam pacas, que são do tamanho de leitões de seis meses, têm a barriga grande, e os pés e mãos curtos, as unhas como cachorros, e cabeça como lebre, o pêlo muito macio, raiado de preto e branco ao comprido do corpo; têm o rabo muito comprido, correm pouco. As fêmeas parem duas e três

crianças, comem frutas e ervas, criam em covas. (SOUZA, 1971, p.252).

O aventureiro alemão Hans Staden, autor de *Duas viagens ao Brasil* (1557), descreve a maneira com que o dente do animal Paca era manuseado e cobiçado naquele período:

Guardam estes selvagens os dentes de um animal a que chama *Backe* [paca]; amolam estes dentes e, onde quer que o sangue estanque, fazem com que um destes dentes uma incisão na pele, o sangue corre em tanta quantidade como quando aqui se corta a cabeça de alguém.” (STANDE, 1930, p.97).

Além disso, usam os dentes de um animal chamado paca, afiados na frente. Quando têm alguma doença do sangue, arranham o local dolorido até sangrar. Essa é a maneira deles de fazer uma sangria.” (STADEN, 1999, p.142)

Considerações Finais

A mudança no estilo de vida dos colonizadores acarretaram diversas consequências. O uso de plantas e partes de animais para tratar de doenças e sanar necessidades foi o quesito primordial para a sobrevivência do europeu no território desconhecido e distinto do que estavam acostumados. A necessidade de caminhar quilômetros, comerem frutos, plantas e carnes que eram desconhecidas no seu próprio organismo, e a mudança de temperatura e comodidade, fizeram com que a adaptação dos europeus no Novo Mundo não fosse assim tão fácil assim.

O problema que o Renascimento mais enfrentou foi o problema do costume. A revelação desses povos novos, mais próximos que nós da Natureza, nos ensina que a razão e o mundo são mais vastos do que pensávamos. (LENOBLE, 2002). O costume que engloba o modo de se vestir, comer, agir, pensar, falar e viver interfere diretamente com o estilo comportamental psicológico e fisiológico

dos seres humanos. A caça teve incontestavelmente um papel muito importante na evolução do homem, aperfeiçoou os sentimentos que elevaram o homem acima dos restantes animais e pioneira na estratégia de raciocínio. (COSTA,1963). Nesse raciocínio, a saúde e o meio ambiente estão conectados desde o princípio, com fatores do meio e da vida de uma pessoa.

Quando o europeu chegou às terras do Novo Mundo e se deparou com a abundância terrestre, aquática e aérea, logo, quis investir na exploração desses recursos. A natureza tem o seu ritmo de produção, os animais tem o seu estilo de vida e reprodução, e tudo isso era respeitado pelos nativos. Não é exagero dizer que o futuro da caça está por toda parte ameaçado, podendo ser culpa humana. A pobreza da fauna fez com que muitos países pregassem medidas de conservação. (COSTA, 1963).

Referências

- ANCHIENTA, José de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- BELLUZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. Faculdade de arquitetura e Urbanismo de São Paulo. Editora Objetiva. Metalivros, 1999.
- COSTA, Carlos Eurico. **O Caçador**. Editora Estampa. Ltda., Lisboa, 1963.
- DIAMOND, Jared. **Armas, Germes e Aço**: os destinos das sociedades humanas. Editora Record – Rio de Janeiro. São Paulo, 2013.
- LENOBLE, Robert. **História da Ideia de Natureza**. Tradução Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 2002.
- LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1961.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de; CARNEIRO, Henrique. **História da Alimentação**: balizas historiográficas. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, v.5, n.5, p.9-91, 1997.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Bestiário Basílico: a fauna brasileira no imaginário colonial. In: Jacobi, Pedro; Ferreira; Lúcia da Costa. (Org.) Diálogos em ambiente sociedade no Brasil. 1ed. São Paulo: ANPPAS, Annablume, v., p.65-74, 2006
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 9.
- THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica**. Tradução de Eugênio Amado. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500-1800). Tradução de João Roberto Martins Filho; consultor desta edição Renato Janine Ribeiro; consultor de termos zoológicos Márcio Martins. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.